

# Trajetória acadêmica e laboal de jovens universitários: os sentidos do trabalho e da educação

Academic and employment background of young university students: the meanings of work and education

Tânia Regina Raitz<sup>1</sup>  
Fernanda de Bortoli Baldissera<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo analisou como ocorre a trajetória acadêmica e laboral de jovens universitários(as) do curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Itajaí, também objetivou investigar quais os sentidos que atribuem à educação e ao trabalho, numa nova ética para além do trabalho formal, que pressupõe intensas transformações em tempos de incertezas. A metodologia selecionada para desenvolver este estudo foi a abordagem qualitativa que se realizou por meio de entrevistas individuais com seis (6) jovens universitários(as). Os resultados mostraram que há uma diversidade dos sentidos do trabalho e da educação atribuídos por esses jovens inseridos em sua área de atuação que é a educação. Em suas percepções, misturam-se sentidos de autoestima, formador de identidade, novos aprendizados, utilidade, promove relacionamento, construção, futuro, interação,

**Abstract:** This study has examined how the academic and employment background of young university graduates of the Faculty of Education at the University of *Vale do Itajaí* also aimed to investigate which are the meanings that attach to education and to work, in a new ethics beyond of the work which requires intense transformations in times of uncertainty. The methodology selected to develop this study was the qualitative approach that was conducted through individual interviews with six (6) young university students. The results showed that there is a diversity of the meanings of the work and of the education attributed by these youngsters placed in their field of action that is the education. In their perceptions, mixed senses of self esteem, identity forming, new learning, utility, promotes relationship, building, future, interaction, senses that blend

<sup>1</sup> Socióloga, Doutorado em Educação pela UFRGS, Pós-doutora pela Universidade de Barcelona - Espanha, atua como professora nos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação na Universidade do Vale do Itajaí- UNIVALI, coordenadora do Grupo de Pesquisa Educação e Trabalho da mesma Universidade, e-mail: floraitz@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Universidade do Vale do Itajaí - Univali. Bolsista do projeto PIBIC 2011, "Os sentidos do trabalho e da educação para jovens universitários (as) do curso de pedagogia da univali". E-mail de contato: fernandabortoli@yahoo.com.br.

sentidos que se misturam e se cruzam resultando em diversidade. Nesse sentido, pensar políticas públicas para a juventude equivale planejar a partir dessa diversidade, bem como refletir uma possível resignificação da educação que deve estar baseada numa formação que ultrapasse as meras competências para o mercado de trabalho, mas sim na perspectiva de uma formação humana, que inclui além do desenvolvimento intelectual, o cognitivo, também o conhecimento tecnológico, o artístico, o afetivo e o emocional.

**Palavras-chave:** Jovens universitários(as); Sentidos do trabalho; Trabalho e Educação.

and intersect, resulting in diversity. In this sense, thinking public policies for the youth equals to plan from this diversity, as well as to reflect a possible redefinition of education that must be based on a formation that surpasses the mere skills for the labor market, but from the perspective of a human formation, which includes, besides of the intellectual development, the cognitive, also the technological knowledge, the artistic, the affective and the emotional.

**Keywords:** Young university students; Senses of work; Work and Education.

## Introdução

O processo de transição vivido por jovens universitários na relação que se estabelece entre educação e trabalho e seus sentidos são elementos importantes que interferem na sua inserção ocupacional e profissional no mercado de trabalho. Este estudo também não deixa de ser uma oportunidade de dar voz a esses universitários(as) sobre sua trajetória acadêmica e laboral. De acordo com o levantamento da literatura, a análise realizada por Carrano (2000), aponta em sua conclusão a relevância de estudos que investigaram o jovem na sua condição universitária com mais complexidade, trazendo como um dos exemplos os estudos que apresentaram o aluno jovem relacionado à condição de trabalhador.

Corrochano e Nakano (2000) também fazem considerações no levantamento bibliográfico realizado acerca da temática “Jovens, Mundo do Trabalho e Educação” e inferem sobre a ausência de pesquisas que investigam o desemprego do jovem, os sentidos do trabalho e da educação, como pensam, vivem, agem e sentem os jovens empregados e desempregados e os que realizam trabalho informal, situação crítica e que atinge principalmente jovens com idade inferior a 24 anos. Fatores apontados pelas pesquisas atuais que foram desenvolvidas a partir do “Projeto Juventude<sup>3</sup>”, desenvolvido em âmbito nacional, trazem resultados alarmantes sobre o alto índice de desemprego, trabalho precário e insatisfação juvenil.

<sup>3</sup> O Projeto Juventude foi realizado por uma equipe de pesquisadores brasileiros reconhecidos.

A partir da década de 90, do século XX, com as transformações do mundo do trabalho, para além de uma ética do trabalho formal, os jovens se viram largamente atingidos na relação que se estabelece entre trabalho e educação. A perplexidade se expressa mais exatamente pela perda de sentido e desvalorização do trabalho, causando decepção nos sujeitos da sociedade contemporânea, pois o trabalho já não atende aos anseios dos sujeitos, que dele esperam muito mais do aquilo que tem significado atualmente. Isso em função do modo como foi institucionalizado através do emprego, bem como das indagações que emergiram dessa situação, sobre os significados dos termos sujeito e identidade (BENDASSOLLI, 2007).

O trabalho, antes de qualquer coisa, significa meio para a sobrevivência, mas está relacionado também a outros sentidos que se cruzam e se diversificam em significados produzidos pelos jovens em relação ao trabalho e seus projetos, que nem sempre se situam em limites de fácil compreensão. Considerar o modo como os jovens dão significado ao que dizem e ao que fazem cruza-se aos contextos de produção dessas intenções e de seus comportamentos. Nessa perspectiva, com intenção também de ampliar a produção do conhecimento e debate acerca da temática juventude, educação e trabalho, este estudo é com jovens universitários(as) que já estão inseridos no mercado ocupacional formal de trabalho ou informal, a maioria em empregos que são compatíveis com o curso universitário que frequentam.

A juventude e as relações que estabelece com o trabalho e a educação têm se tornado, nos últimos anos, um dos principais temas que tem atraído à atenção dos pesquisadores que objetivam, não apenas compreender essas relações do jovem com o mundo do trabalho e com a educação, mas também propor alternativas que ofereçam reais possibilidades para a minimização dos graves problemas que os jovens enfrentam para inserção, permanência e valorização no trabalho, de reconhecimento como sujeito que estuda e trabalha, bem como a compreensão por parte das instituições educacionais da necessidade de aprendizagens relevantes para o seu crescimento pessoal e profissional.

## **Sentidos da educação e do trabalho na contemporaneidade**

Segundo Sposito (2005, p. 90), nos últimos 30 anos ocorreram profundas transformações nos cenários da educação e do trabalho, principalmente no que diz respeito ao trabalho assalariado, campo de atuação das sociedades capitalistas. Ao mesmo tempo, uma maior complexidade se configura na entrada dos jovens no mundo adulto e do trabalho. Conforme a autora “Assim, o modo como os jovens vivem essa etapa da vida também se altera, uma vez que a escolaridade já não se afigura mais como elemento garantidor da entrada no mundo do trabalho”. Isso se reflete num intenso problema se forem considerados os resultados das pesquisas recentes desenvolvidas por pesquisadores e instituições que estudam as juventudes e as relações que estabelecem com a educação e o trabalho.

Pais (2005), Spósito (2005), Branco (2005), Frigotto (2004), Pochmann (2001, 2004), Carrano (2000), OIT (2006), Flores (2001), Chaves Junior (2001), Boing (2008), Amaral (2009) e tantos outros, comungam com a ideia da necessidade de tratar a diversidade nas relações entre juventudes, educação/trabalho e seus sentidos. Na modernidade, conforme Sacristan (2003), o trabalho significava fonte de realização pessoal, o meio pelo qual os sujeitos conquistavam sua independência. Essas conquistas eram possibilitadas através da educação, pela escolarização. O trabalho, então, se ligou à educação numa relação de interdependência, “Se não tem trabalho nem educação, a tal cidadania é pura embromação” (LARA<sup>4</sup>, 2003). Porém, essa relação entre educação e trabalho nem sempre foi assim considerada. Em revisita a alguns teóricos em busca de entendimento das origens e concepções ocidentais históricas sobre o trabalho, como Albornoz (1994), Pais (2005), Lara (2003), Sacristan (2003), Bendassolli (2007), observa-se que muitos são os sentidos atribuídos ao trabalho ao longo da história da civilização ocidental, abordagens essas que serão desenvolvidas a seguir para que se tenha um melhor entendimento dessas questões.

No contexto do trabalho contemporâneo ou da preocupação em analisar os sentidos do trabalho para jovens universitários, observa-se que, apesar de pesquisas já realizadas ou em andamento, ainda a temática tem sido pouco explorada nos levantamentos quando se refere à transição acadêmica e laboral. Os estudos sobre os sentidos que atribuem ao trabalho e o lugar do trabalho em suas vidas, bem como a experiência com o desemprego, seus projetos e sonhos ainda são escassos. Nesse panorama, compreende-se que as narrativas (vozes) pouco presentes nos estudos devem ser trazidas e analisadas, uma vez que integra decisivamente a compreensão sobre o trabalho e seus sentidos na construção de suas identidades. Primeiramente, neste texto, discute-se sobre os sentidos do trabalho (uma breve retrospectiva do trabalho na história) como forma de contextualização do problema de pesquisa.

A partir da década de 70 do século XX, percebe-se um esgotamento do padrão de acumulação configurado taylorista/fordista, cujas características têm sido assinaladas por diversos autores, como uma crise estrutural do capital segundo Antunes (2003). Essa crise teria sua origem na tendência de diminuição da taxa de lucro, na incapacidade do capital de se reproduzir em grandes escalas em função do aumento da produtividade e taxas de lucratividade adequadas aos seus investimentos. Assim, essa crise é compreendida a partir da esfera da produção em que o modelo taylorista-fordista-keynesiano entra em retração. Os fatos que contribuem para a crise do capital estão baseados nas elevações dos preços do barril do petróleo, em 1973 e em 1979. É justamente diante desse quadro de queda nas taxas de lucratividade e de crise no regime de acumulação capitalista que emerge a chamada reestruturação produtiva, especialmente a partir da década de

<sup>4</sup> Lara (2003) escreve esta frase no verso da página de dedicatória do seu livro intitulado: “Trabalho, educação e cidadania”.

90, do século XX, articulada com a ascensão das políticas neoliberais e o processo de mundialização do capital. Esta ideia estaria fundamentada na flexibilidade do trabalho, dos mercados e padrões de consumo.

Muitos estudiosos, que se debruçaram sobre a realidade mundial nas últimas décadas, são unânimes em constatar as profundas transformações que assolam o mundo do trabalho, culminando no fenômeno do desemprego que atinge milhões de pessoas com índices alarmantes jamais presenciados. Não se pode mais dizer que essa realidade é mera ilusão. Dessa forma, considerando a diversidade de sentidos do trabalho na contemporaneidade, no senso comum e nos próprios meios de comunicação, observa-se que os termos “emprego e trabalho” são empregados, muitas vezes, de maneira associada, mas essa ligação pressupõe também significados diferentes.

O emprego já é algo mais recente na história humana, surgindo por volta da Revolução Industrial, que estabeleceu a relação de venda e compra da força de trabalho. Essa descrição elaborada de forma simplificada vai aparecer na história como algo de extrema complexidade, que se torna mais ainda ao longo dos séculos, até a problemática presenciada na história recente mundial. No que se refere propriamente ao trabalho, encontra-se uma multiplicidade ou diversidade de sentidos, tanto na ampla literatura especializada, como na história das sociedades. Não se pretende, portanto, nos limites deste estudo reconstruir esse constructo ou arcabouço existente sobre os diversos sentidos do trabalho e seus períodos históricos, explorar-se-á apenas algumas abordagens que dão suporte para o entendimento da contextualização do problema de pesquisa e como se configuram alguns sentidos sobre o trabalho.

Nota-se, diante da circunstância explicitada por Albornoz (1994), que em todas as línguas europeias, antigas e modernas, existem duas palavras de etimologia distintas para denotar o que para nós, hoje, é a mesma atividade, conservando, dessa forma, o uso repetido como sinônimo – labor e trabalho. A língua grega diferencia entre *ponein* e *ergazesthai*, o latim entre *laborare* e *facere* ou *fabricari*, constituindo, dessa maneira, a mesma raiz etimológica; o francês entre *travailler* e *ouvrer*, o alemão entre *arbeiten* e *werken*. Em todos esses casos, apenas os correspondentes ao labor têm conotação de dor, sofrimento e atribulação. Nessas designações, o francês *travailler* substituiu uma palavra mais antiga *labourer*, que surge de *tripaliium*, espécie de tortura que Albornoz (1994) destaca como um instrumento feito de três paus, que, por vezes, incluía algumas pontas de ferro e era utilizado pelos agricultores para bater o trigo, esmiuçar espigas de milho e rasgar o linho, sendo usado também para domesticar animais e torturar escravos. Portanto, a mesma origem de trabalho que é derivada de trabalhar oriunda do latim vulgar – *tripaliäre*, torturar, deriva de *tripalium*, ideia inicial de sofrer que foi substituída por esforçar-se, lutar, pugnar e, por fim trabalhar.

Algumas breves reflexões podem ser elaboradas a partir do trabalho visto por Marx (1980 e 1989) que aqui estão ancoradas em seus pressupostos na obra “O capital, livro I, vol. 1 e 2” e nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos”. Dessa

forma, pode-se buscar alguns elementos para pensar o trabalho como valor<sup>5</sup>, perspectiva que amplia em muito a discussão sobre os sentidos do trabalho como objeto de investigação. A questão do “trabalho”, elaborada pelo autor, perpassa grande parte de sua obra buscando compreender a força motriz do Capitalismo em suas contradições. Para Marx, a base fundamental constituída em cada sociedade humana passa pelo processo de trabalho, seres humanos cooperando entre si para fazer uso das forças da natureza e, portanto, para satisfazer as necessidades, para ele, humanas. Dessa maneira, necessita ser útil, nessa perspectiva que o autor chama-o de valor de uso, pois, em primeiro lugar, deve ser útil para alguém<sup>6</sup>.

como criador de valores de uso, como trabalho útil, é o trabalho, por isso, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas de sociedade, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana (MARX, 1980, p. 50).

Todavia, diante das formas do capitalismo, os produtos do trabalho tomam a forma de mercadorias, que passam a ter valor de troca. Conforme o autor, todas as mercadorias têm um valor, do qual a troca é simplesmente o seu reflexo. O custo da produção só pode ser medido pela quantidade de trabalho empreendida à mercadoria, configurando trabalho concreto. Portanto, para Marx (1980, p. 53), “todo trabalho é, por um lado dispêndio de força de trabalho do homem no sentido fisiológico [...] gera o valor da mercadoria [...] por outro lado, dispêndio de força de trabalho do homem sob a forma especificamente adequada a um fim e, nessa qualidade de trabalho humano concreto útil, produz valores de uso”. Sugere-se que as mudanças dadas na atualidade não conseguem dar conta para que isso ocorra. Para Marx, o trabalho no modo de produção capitalista deixa de hominizar e passa a alienar, pois o produto e o próprio processo de produção tornam-se estranhos ao trabalhador (ANTUNES, 2003).

Nesse sentido, trabalho que deveria ser humanizador, sob o capitalismo, inverte-se como mercadoria e passa a ser “alienante, explorador, humilhante, monótono etc”. Ainda conforme Dejours (2004, p. 29), trabalho implica, “do ponto de vista humano [...] gestos, saber-fazer, um engajamento do corpo, a mobilização da inteligência, a capacidade de refletir, de interpretar e de reagir às situações”. Portanto, é por meio do trabalho que se insere as condições humanas de necessidade e emancipação, seja no seu aspecto negativo ou positivo.

Refletindo sobre o trabalho na atualidade, Pais (2005) vem reafirmar sua tese de que, embora o trabalho continue mantendo o significado de obrigação, de esforço e até de sofrimento em alguns casos (aspecto negativo), o certo é que

<sup>5</sup> Muito já se produziu acerca das ideias de Marx em várias áreas do conhecimento, não se pretende aqui se aventurar numa análise epistemológica ou ontológica de sua obra. Interessa sim compreender um pouco mais sobre o sentido do trabalho como valor.

<sup>6</sup> Essa necessidade satisfeita por um valor de uso não precisa necessariamente ser uma necessidade física, um livro, por exemplo, possui seu valor de uso. Desse modo, os valores de uso podem satisfazer vários propósitos.

alguns diagnósticos recentes mostram outra realidade. Em relação ao emprego e trabalho as representações surgem de forma ambivalente ou ambígua, configurando seu duplo aspecto (negativo e positivo). Pais (2005) argumenta que as próprias representações sobre o trabalho estão atualmente marcadas por instabilidades naquilo que se apresenta como turbulência, flexibilidade e impermanência nas trajetórias identitárias ou dos percursos laboriais dos jovens, isso não quer dizer que o trabalho não seja uma esfera importante na vida dos indivíduos, mas ganha novas dimensões. Dessa forma, é visível a própria diversidade e a heterogeneidade que caracterizam o mercado de trabalho atualmente no Brasil e, consequentemente, que leva a diferentes situações vividas por trabalhadores e trabalhadoras do segmento juvenil.

## Percurso metodológico

As reflexões de Bogdan & Biklen (1994) sobre pesquisa qualitativa contribuiu para compreendermos um pouco mais sobre os sujeitos da pesquisa, baseando-se nos significados que esses elaboram sobre as coisas e a vida, ou seja, os sentidos de como interpretam e estruturam seu mundo, nesse caso sobre os sentidos da educação e do trabalho. Rauen (2006) também é uma referência importante, pois expõe que as entrevistas definem-se como uma listagem de indagações escritas e se caracteriza pela sistematização das questões que se ordenam conforme critérios estabelecidos. A pesquisa quantitativa objetiva, antes de tudo, medir de forma comprovada, através de uma amostra representativa, as opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes dos sujeitos de pesquisa (FAZENDA, 1991).

Este estudo investiu em entrevistas individuais com 6 (seis) jovens universitários(as) que frequentam o curso de Pedagogia da Univali-Itajaí, e são formandos. Para tanto, foi elaborado um roteiro como guia para a coleta das informações por meio de gravações posteriormente transcritas. Essas 6 (seis) jovens assinaram o termo de consentimento conforme as instruções do comitê de ética da Univali, mesmo assim, optou-se por escolher nomes fictícios para preservar a identidade dos sujeitos de pesquisa. O tratamento dos dados da pesquisa foi por meio da análise de conteúdo. Nessa perspectiva, as repetições, frequências das falas, significados e sentidos foram analisados a partir de contribuições importantes de autores que proporcionaram arranjos, pontes, caminhos, novas questões, enfim, ajudaram nas conexões e interlocuções na análise de conteúdo.

As pesquisas mostram que a análise de conteúdo vem crescendo consideravelmente com o objetivo de “produzir inferências acerca dos dados verbais e/ou simbólicos, mas obtidos a partir de perguntas e observações de interesse de um determinado pesquisador” (FRANCO, 2005, p. 13). Esta autora salienta que, a “mensagem” é concebida como o “ponto de partida da análise de conteúdo”. Seja “[...] verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada” (FRANCO, 2005, p. idem). Nesse sentido, percebe-se que, para produzir inferências destacadas por Franco, na análise de conteúdo, é

necessário relacionar, construir *links*, pontes entre os dados analisados e o referencial teórico, a fim de proporcionar coerência, consistência entre os resultados que vão se construindo e as argumentações embasadas do pesquisador.

## Trajetória acadêmica e laboral: os sentidos do trabalho e da educação

A partir dos depoimentos das seis jovens mulheres que são os fios condutores dessa pesquisa, analisar-se-á como acontece essa relação com a educação e o trabalho entremeada com a experiência do primeiro emprego. A situação de trabalho atual de cada uma delas não deixa de estar relacionada com a história de como conseguiram o primeiro emprego. Duas jovens expõem suas experiências,

*Eu deixei meu currículo na COMBEMI e eles me chamaram por eu ter experiência. Na época, com 17 anos já tinha quase 4 (quatro) anos de experiência. Primeiro comecei como monitora, após como auxiliar de coordenação (Viana).*

*Eu fiz concurso para ACT. Eu consegui esse emprego por indicação de uma amiga que é professora de Educação Física e trabalhava na educação infantil, e como eles não pegam pedagogos como estagiários, me botaram nesta outra função que era trabalhar com alunos especiais (Renata).*

Três outras jovens dizem que conseguiram o primeiro emprego através de indicação de uma amiga e a outra fez concurso para ACT. Um dos problemas mais desafiadores na atualidade é aquele revelado pela batalha do primeiro emprego em que, muitas vezes, os jovens lançam mão de facetas peculiares para conseguirem se inserir no mercado de trabalho. A pesquisa de Pochmann (2001) sobre o “Emprego e desemprego juvenil no Brasil” mostra a situação do jovem no heterogêneo mercado de trabalho brasileiro que vem atingindo-o de forma mais intensa pelo desemprego, enfrentando inúmeras dificuldades de inserção profissional. O autor exhibe um dos temas atuais mais desafiadores da sociedade brasileira – o primeiro emprego – questão chave tanto na decisão individual do jovem, como na perspectiva familiar, tendo repercussões nacionais significativas. O primeiro emprego geralmente representa muito na trajetória futura do jovem, é sabido que quanto melhores suas condições, mais favorável será seu desempenho e evolução profissionais.

Para podermos verificar o lugar do trabalho em suas vidas, perguntamos o que considera mais importante nesse âmbito? As respostas são interessantes, pois revelam a importância do trabalho como forma identitária. Isso também não significa dizer que o trabalho é um universo único de inclusão para os jovens universitários, a construção identitária ocorre por meio, também, de outros espaços, entretanto o trabalho incorpora também dimensões como socialidade e lazer, nesse caso, formas solidárias de viver e interagir com o outro. O trabalho adquire uma dimensão humana, pois é por meio dele que resgatamos sentimen-

tos de responsabilidade, perseverança, aprendizagem e experiência profissional. Conforme depoimentos a seguir de três jovens entrevistadas, o mais importante no trabalho é,

*Responsabilidade, e outra coisa é você gostar muito do que faz porque a concorrência é grande. Se o salário não é bom não importa você ter que fazer seu trabalho direito e passar num lugar e deixar uma história bonita e boa (Viena).*

*O mais importante pra mim no meu emprego é ter perseverança, levar muito a sério, porque está muito difícil. Porque a educação das crianças, agora eu digo assim a educação de família está muito difícil. O mais importante é o estado. O professor deve ser realmente aquilo que ele sonhou, aquilo que ele quer levar de aprendizado para o aluno (Renata).*

*Conseguir experiência profissional. Eu me sinto muito bem ajudando as pessoas e sendo útil ao mesmo tempo (Maria).*

Ao mesmo tempo, que comentaram sobre a importância do trabalho, também trouxeram informações interessantes sobre a satisfação ou não no emprego atual, o que pode ser visto em suas falas a seguir,

*Não, infelizmente não. Porque assim, por conta de levar muito trabalho pra fazer em casa, então você acaba perdendo tua identidade. Fica sábado e domingo fazendo planejamento, fazendo portfólio, fazendo projeto, tudo isso sem remuneração. Avaliação, então, fica-se horas e horas fazendo, a gente não tem hora atividade nesta escola, o que é bem complicado. E por alguns motivos particulares assim que eu não concordo (Juraci).*

*Eu considerava importante a minha dedicação porque eu trabalhava com uma aluna especial, então exigia bastante de mim assim, eu me frustrava muito quando eu não conseguia suprir as necessidades dela. E às vezes também até a formação que eu não tive tanto subsídio pra trabalhar com ela, exigia algo a mais de mim, algo a mais dos meus conhecimentos, mas era muito gratificante trabalhar com ela (Franciele).*

*Meu aluno tem paralisia cerebral e é cadeirante. No começo eu fiquei muito frustrada, não sabia como agir ou como trabalhar com ele, mas agora eu estou vendo a evolução dele e isso está me trazendo satisfação (Judite).*

Esses depoimentos mostram que o sujeito na sociedade atual se vê diante de vários dilemas no trabalho, suas insatisfações ou não, no contexto das sociedades complexas em permanente movimento de transformação, se apresentam numa perspectiva de um sujeito com características cambiantes, que se encontra num campo de ação social e de relações, contrapondo-se a ideias determinísticas, de uma identidade homogênea que não dá mais conta da heterogeneidade, complexidade e pluralidade do social. As necessidades que levaram essas jovens universitárias a trabalharem estão associadas a uma visão instrumental, para sua subsistência, mais do que perspectivas de autorrealização, conforme algumas falas,

*Foi o próprio sustento, porque eu vim morar aqui e tinha que pagar aluguel e eu vim sozinha sem pai nem mãe (Viena).*

*Não trabalho porque quero, mas porque preciso mesmo. Eu já conquisei o sonho de ser professora e o meu segundo sonho é fazer meus implantes porque por motivos de eu ter nascido com lábio leporino eu tive muitos problemas dentários, então eu vim trabalhar pra conquistar o meu segundo sonho, que é caro (Renata).*

*Desde pequena, sempre trabalhei, então, a partir dos doze anos, já trabalhava como babá e aprendi a ter meu dinheiro, a valorizar o meu trabalho, a ter minhas coisas sem depender de alguém, então eu nunca mais parei, indiferente de ser professora eu sempre estava trabalhando (Juraci).*

A situação atual entre as jovens ou a ocupação que desempenham atualmente no mercado de trabalho como demonstram seus depoimentos é mais um elemento importante para compreender a dimensão que esse lugar ocupa em suas vidas, bem como no entendimento de seu significado, quer seja no seu aspecto negativo ou positivo. Chega-se ao terceiro milênio com poucas certezas, muitos desafios, perplexos com tantas transformações nas várias esferas societárias, onde o projeto da modernidade não foi suficiente para solucionar os graves problemas da humanidade, suas referências, de certa forma, se esgotaram. Nesse sentido, sem sombra de dúvidas, torna-se cada vez mais difícil para as jovens construir suas identidades a partir do trabalho, mas para além disso, continuam desafiando a imaginação e a criatividade configuradas em esperanças pela capacidade de transformação que o homem é capaz (PAIS, 2005).

O desemprego sempre foi uma característica da sociedade capitalista, mas o modo como assistimos hoje resulta em muito da aplicação da técnica e da ciência em todos os setores econômicos e que, embora não seja relativamente novo, na atualidade, as proporções se tornam inusitadas. Associado a esse fenômeno, segundo Pais (2005), a precariedade de emprego, entre muitos jovens na atualidade, expressa as várias dificuldades encontradas por estes quando desejam entrar para o mercado de trabalho, fato que leva muitos a lançarem mão de estratégias e facetas peculiares que chegam a abalar os modos tradicionais de entrada na vida ativa. As experiências mostradas aqui, em relação ao desemprego, quando vividas, configuram aquilo que Pais (2005, p. 74) chama a atenção, “a crescente desativação dos jovens no mundo do trabalho, devido ao desemprego, o mesmo acontecendo com os jovens envolvidos em trabalho temporário”. Todas as seis (6) jovens entrevistadas estão no momento trabalhando, mas trazem depoimentos sobre como foi a experiência quando ficaram desempregadas,

*Já, ano passado, quando a escolinha que eu trabalhava falin, sai de lá, veio a lei em 2010 que o professor só poderia estar em sala de aula se ele tivesse magistério ou fosse formado, e eu não tenho magistério e só estava fazendo pedagogia. Daí então eu não consegui emprego, eu até fiz o concurso em Itajaí, fui chamada, mas não pude assumir. Fiquei um ano e meio desempregada. É horrível, angustiante. Meu sonho era ser professora, mas como eu casei muito cedo eu me envolvi em cuidar da minha família e eu larguei de mim. Aí depois com as filhas criadas eu resolvi voltar a estudar. Eu sempre trabalhei, mas não na minha profissão que eu queria tanto (Renata).*

*Como foi opção, eu ainda não tinha sentido o outro lado de trabalhar, agora, por exemplo, esse ano que estou desempregada, é estranho porque só como atleta parece que a gente não está trabalhando. No esporte é diferente, é lazer junto eu acho prazeroso (Franciele).*

*É muito ruim, às vezes, a gente quer fazer alguma coisa, precisa de dinheiro ou coisas assim. Sem contar pra ti, pro teu ego. Já três meses! (Judite).*

No Brasil, o jovem precisa trabalhar seja sazonalmente, seja fazendo bicos, pois é necessário contribuir para o sustento da família, o prolongamento de educação que esses estudos denominam “tampão” aqui não ocorre, realidade possível ainda nos países cujo Estado outrora foi provedor. No item seguinte, analisa-se os sentidos do trabalho para as jovens participantes da pesquisa. Não dá para negar que as identificações continuam em curso perante a participação em várias instâncias onde se vive uma parte do que se é, o trabalho é uma delas, mesmo admitindo que não é mais uma referência central na vida dos jovens, pelo menos o trabalho formal, os sentidos se modificam, ganhando ar de diversidade. Nas entrevistas, nos depoimentos dos jovens, muitas questões acabam sendo colocadas como necessidade de traduzir aquilo que configura um campo de significações nem sempre inteligível, respostas diversas obtidas e entrecruzadas tomadas em sua individualidade e subjetividade reúnem conteúdos para se analisar e interpretar, denotando correspondências, mas também duplos sentidos que se manifestam por meio da análise de conteúdo.

A intenção não passa por incorrer no uso de classificações sobre os sentidos do trabalho de acordo com cada sujeito pesquisado, mas sim deixar que as vozes se façam presentes e resignifiquem por si só esses sentidos pronunciados nas suas várias formas expressivas, no lugar do trabalho em suas vidas, nas próprias vivências, nas relações. Muitas vezes, o trabalho pode ser o motivo principal da vida das pessoas segundo Dias (2009), o trabalhador se constitui a partir da descrição daquilo que se é como pessoa referente ao trabalho. É parte do processo de identificação do ser humano, assim as falas revelam o sentido do trabalho,

*Construção, futuro. Tu aprende a ser uma pessoa melhor. Todo dia a gente aprende uma coisa nova, você interage, desenvolve. O Trabalho ajuda você a ser uma pessoa melhor (Viana).*

*O trabalho te preenche, te dá autoestima, te bota pra cima (Renata).*

*Meu trabalho é minha válvula de escape. Posso estar com vários problemas na minha vida mas, chegou na escola e consigo separar. Teus alunos te recebem com um monte de beijos, muitos abraços. E tu vê eles em desenvolvimento e o reconhecimentos dos pais também. Olhar pra eles em janeiro e depois no final do ano e ver as mudanças, é gratificante (Juraci).*

*Aprendizado. Sempre se aprende quando você trabalha. Alguma coisa de bom você pode tirar de lição. Mesmo que não seja na área de formação você pode aprender muitas coisas pra sua vida. (Maria).*

*Trabalho é fundamental para o ser humano porque ele te traz relacionamento com outras*

*peças, socialização, e faz com que você, fique preocupada com algo que fazer, com que melhorar pro outros, fazer o bem pra outras pessoas (Franciele).*

*É ter novos aprendizados e ter uma situação de vida boa, que te traga estabilidade que te traga conforto. O Fato de você ter uma ocupação, de ser útil pros outros e fazer eles saberem que você tem capacidade de fazer algo. É ter uma identidade (Judite).*

Aprofundando o que significa trabalhar, para esses jovens, descobrem-se outros sentidos que despontam em seus depoimentos que ultrapassam a renda como mera sobrevivência. Em suas percepções, misturam-se sentidos de autoestima, como formador de identidade, novos aprendizados, utilidade, promove relacionamento, construção, futuro, interação, sentidos que se misturam e se cruzam resultando em diversidade. Portanto, é possível dizer que no Brasil as pesquisas têm revelado que os jovens atribuem diversos sentidos à palavra trabalho, mas o sentido de necessidade, sentido esse instrumental, vem aparecendo de maneira mais comum quando se analisa primeiramente o que levou os jovens a buscarem trabalho, como vimos anteriormente em que a maioria revela que buscou trabalho para o sustento. Esse sentido de necessidade, antes de tudo, se refere à necessidade de trabalho para sobrevivência, seja essa uma sobrevivência individual ou da família, como contribuição no orçamento familiar.

Conforme Pais (2005) os sentidos atribuídos pelos jovens ao trabalho apresentam-se diversificados, são sentidos que se posicionam em ordens variadas, mas sempre em redes que se conectam numa total interdependência: observa-se que não há um único e principal significado, mesmo que alguns se posicionem na dianteira. Há, sim, vários significados e esses criam significações relevantes para o entendimento dos sentidos. Variam e se desordenam numa ordenação porque variados são os contextos, tempos e sentidos. Segundo Dias (2009), quando se pensa nos sentidos do trabalho as pessoas se deparam com a dificuldade de relacionar seus potenciais e competências com a realidade enfrentada no mercado de trabalho. Há um grande consumo do potencial humano que poderia estar entrelaçado na solução de problemas sociais.

Dias (2009), relata que as pessoas vão para a universidade em busca de qualificação, para se lançar em uma realidade incógnita. As ofertas de cursos universitários tiveram visível crescimento na tentativa de se adequar ao mercado de trabalho. Nesse sentido questiona-se o papel da universidade enquanto acreditadora de qualificações profissionais, pois a mesma participa das condições macro sociais e representa determinações de ordem socioculturais e político-econômicas (DIAS, 2009 p. 32). Nessa perspectiva, também foi possível ouvi-las sobre a relação que estabelecem entre educação e trabalho, portanto, se perguntou quais as relações do emprego atual com os ensinamentos do curso que está realizando, na verdade, se são aplicáveis os conhecimentos adquiridos no curso com o trabalho que desenvolvem. Nesse sentido, pode-se notar que há uma positividade evidente nessa relação,

*No sentido de conteúdo, não. Mesmo assim eu uso várias coisas que preendi na faculdade como o relacionamento com as pessoas e o trabalho em grupo (Maria).*

*Totalmente, porque tudo que eu estudei sobre desenvolvimento infantil, sobre a teoria da educação hoje eu vejo os reflexos nos adolescente (Viena).*

*No meu caso tudo. Está tudo direcionado. Se não fosse o meu estágio eu não estaria trabalhando onde eu estou hoje e eu pretendo continuar estudando se eu quiser crescer no meu trabalho (Juraci).*

Essas falas mostram que a trajetória universitária das jovens entrevistadas se relaciona aos motivos configurados, muitas vezes, por um retorno aos bancos escolares, algumas ficaram paradas por um tempo e voltaram como revelaram na pesquisa de campo. A relevância da educação na vida de cada uma ou o sentido que a educação assume no discurso dessas jovens vem recheado de sentimentos. Todas, de uma forma ou de outra, passaram pela instituição de ensino já que são formandas e têm muitas expectativas na área da educação, assim acreditam,

*A educação, pra mim, é a base de tudo. É a única coisa que ninguém tira de você, e não só no sentido escola, no sentido da educação da vida (Viena).*

*Educação é tudo. Se você não estuda, não tem uma profissão, e se parar de estudar, se atualizar, fica parada no tempo (Renata).*

*Seria trazer o conhecimento pros seus alunos, conhecimento do mundo preparando eles pra uma profissão, pra ser alguém. Hoje em dia, os pais estão deixando tudo para a escola, e a escola não está passando o conhecimento, e sim educando para a vida, desde ir ao banheiro, lavar a mãozinha. Para mim é fundamental (Juraci).*

*Eu acho que é tudo na vida de uma pessoa. É a partir da educação que vai se extinguir a pobreza. Pena que hoje a educação é limitada (Franciele).*

*Adquirir novos conhecimentos e passar isso pra outras pessoas. Passar conhecimento como professora para as crianças é uma forma de proporcionar educação pra elas (Judite).*

*Aprender a saber viver bem. Educação hoje em dia é o que te abre portas para trabalhar. É fundamental na vida das pessoas (Maria).*

Também, a educação é um meio que contribui para um emprego melhor ou para se projetar segundo as jovens. Como sujeitos singulares, os jovens, se apropriam do social, modificando sentidos, aspirações e práticas que se tornam educativas, interpretam e significam seu mundo e as relações que estabelecem. Para algumas, o presente se apresenta como possibilidade, já, para outros, só o futuro, em sua imprevisibilidade, balizará os acontecimentos. Portanto, apresenta-se na concepção de alguns jovens, quando elaboram, seja simbolicamente ou não seus projetos profissionais, uma necessidade de um tipo de trabalho que seja mais compatível com suas realizações, para que possam viver mais intensamente ou plenamente.

## Considerações finais

A pesquisa teve como preocupação a abordagem que considera as distintas maneiras que os jovens se relacionam com a educação e o trabalho na atual sociedade, numa nova ética do trabalho que pressupõe intensas transformações em tempos de incertezas. Os jovens merecem maior visibilidade a partir de programas que possam contribuir com medidas urgentes, com soluções que venham amenizar essa problemática. Portanto, faz-se necessário que os gestores das políticas públicas coloquem em prática os programas governamentais que possam possibilitar a juventude de nosso país e região alçar voos mais altos e concretos em seus sonhos e projetos e que consigam satisfazer suas expectativas e superar os dilemas na relação educação e trabalho.

O material de análise proporcionou atingir, a partir dos resultados alcançados, os objetivos propostos nessa pesquisa e observar certa centralidade que a educação e o trabalho têm na vida dessas jovens universitárias, sugere-se que esses continuem sendo um referencial importante e estruturante, como lugar de construção positiva de suas identidades. As experiências acadêmicas relacionadas ao curso e o sentido da educação representaram um constante movimento circulante em seus cotidianos no sentido de garantir reconhecimentos em trajetórias escolares em busca de múltiplas aprendizagens e conhecimentos, ao mesmo tempo em que o cotidiano, o presente, incorpora a permanência materializada em tarefas rotineiras em relação à escola e ao trabalho.

Os sentidos do trabalho aparecem de forma ambivalente, com diversos sentidos, que oscilam entre o desejo e a insegurança, primeiro como meio de sobrevivência quando se analisa a questão de por que foram buscar trabalho, ademais, emergem, para além do mero sustento, como autoestima, interação, formador de identidade, novos aprendizados etc. Os sentidos do trabalho foram evidenciados de diversas maneiras por meio de representações como coloca Pais (2005). Em suma, nota-se que o trabalho não deixa de ser importante e central na vida dessas jovens, entretanto, vem marcado por sentidos diversos justamente por causa da complexidade da própria identidade sempre em constituição, bem como pela própria conjuntura do mundo do trabalho nas sociedades atuais.

## Referências

- ALBORNOZ, Suzana. *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- AMARAL, Rosana Aparecida do. *O sentido do trabalho: visões de um problema nos séculos XIX e XX*. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Programa de Pós-Graduação em História Social. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo. São Paulo-SC, 2009.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2003.

- BOING, Luiz Alberto. *Os sentidos do trabalho de professores itinerantes*. Departamento de Educação da PUC. Programa de Pós-Graduação em Educação PUC-RIO. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro, 2008.
- BENDASSOLLI, Pedro Fernando. *Trabalho e Identidade em tempos Sobrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho*. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2007.
- BOGDAN, R. & BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BRANCO, Martoni. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. Estudantes Universitários. In: SPOSITO, Marília P. (coord). *Juventude: Estado do Conhecimento*. São Paulo, 2000. Texto disponível hemepage [HTTP//WWW.acaoeducativa.org](http://WWW.acaoeducativa.org).
- CORROCHANO, Maria Carla & NAKANO, Marilena. Jovens, Mundo do Trabalho e Escola. In: SPOSITO, Marília P. (coord). *Juventude: Estado do Conhecimento*. São Paulo, 2000. Texto disponível hemepage [http//www.acaoeducativa.org](http://www.acaoeducativa.org).
- CHAVES, Junior. Educação, formação e empregabilidade: algumas questões e opções para combater o desemprego juvenil. In: *Desemprego Juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais*. Organização Internacional do Trabalho. 2. ed. Brasília: OIT, 2001.
- DEJOURS, Christophe. Subjetividade, trabalho e ação. In: *Revista Produção*, v. 14, n. 3, p. 27-34. Setembro/dezembro, 2004.
- DIAS, Maria Sara d. L. Capítulo I. Pensando os sentidos do trabalho. In: *Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de Universitários*. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), SC, 2009.
- FAZENDA, I (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. 2. ed. aum. São Paulo: Cortez, 1991.
- FLORES, Cláudia Regina. Abordagem histórica na educação. In: *Contrapontos*. Revista de Educação da Universidade do Vale do Itajaí, ano 2. n. 6, set/dez. 2001.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de Conteúdo*. Brasília, 2. Ed: Liber Livro, 2005.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.). São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

LARA, Xico. *Trabalho, Educação, Cidadania: reflexões a partir de educação entre trabalhadores*. Rio de Janeiro: Capina/ceris/mauad, 2003.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos- filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.

\_\_\_\_\_. *O Capital*. Livro I, vols. 1 e 2, Livro III, vol. 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). *A OIT e o Emprego de Jovens*. Disponível em [http://www.iodbrasil.org.br/prgatv/prg\\_esp/emp\\_form\\_jov.php](http://www.iodbrasil.org.br/prgatv/prg_esp/emp_form_jov.php) >> acesso em 20/10/06.

PAIS, José Machado. *Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro*. Porto: Ambar, 2005.

POCHMANN, Márcio. Emprego e Desemprego Juvenil no Brasil: As transformações nos anos 90. In: *Desemprego Juvenil no Brasil: em busca de opções à luz de algumas experiências internacionais*. Organização Internacional do Trabalho. 2. ed. Brasília: OIT, 2001.

\_\_\_\_\_. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Regina Novaes e Paulo Vannuchi (orgs.). São Paulo: Editora: Fundação Perseu Abramo, 2004.

RAUEN, Fábio José. *Roteiros de Pesquisa*. Rio do Sul – SC: Nova Era, 2006.

SACRISTÁN, José Gimeno. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: ARTMED S. A. 2003.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena (org.); BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da juventude brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

Data de submissão: 2012-09-08

Data do Aceite: 2012-09-18